

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO IV — N.º 62

Rio de Janeiro — Terça-feira, 27 de Dezembro de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.538

Da falsa à verdadeira fraternidade universal

RAFAEL MALAGUERRA

Deveria ter sido um ingênuo idealista quem se lembrou de dispor que fosse consagrado à Fraternidade Universal o primeiro dia do ano. E, daí, talvez que não. Estamos em erer que houve mas foi um agudo sarcasmo ao fixar-se dia para confraternizarmos, com licença, porém, para nos malquerermos nos 364 dias seguintes. E porquê a escolha do primeiro de Janeiro para nos darmos fortemente as mãos? Por ser o início do ano? Ora, para nós, homens do Ocidente, trabalhadores pela cultura cristã, é, na verdade, a 1.º de Janeiro que o ano começa. Mas, para o resto do mundo?

Socorramos-nos dum folhinha... do ano, dessas que trazem tudo quanto é preciso à humana sabedoria. Lá vemos que o primeiro dia do mês de Fisseri do ano 5685 da era israelita fica lá para meados de Setembro; que o primeiro dia do ano chinês, quer dizer o primeiro dia do primeiro "tchang-ki" do atual "tchang" deve ser pouco depois de 20 de Janeiro; que é também lá para Setembro que se fixa o dia primeiro do mês de Moharem do ano 1344 da Hégira; que, se vigorasse aquele curioso calendário que os homens da Revolução Francesa, à falta de cabeças para decepar, inventaram, o primeiro do "Vendémiaire" do ano 159 da República recairia ainda em fins de Setembro; que, consoante a contagem do tempo pelo calendário juliano, só a 14 deste mês principiaria o ano.



E, depois destes informes, que vêm em qualquer folhinha do ano, poderíamos ainda averiguar quando começa no Japão o 39.º ano do período Tai-Xô; o primeiro dia do mês de Tut, dos egípcios; ou o início do ano positivista, segundo Comte. Como isto não bastava, precisaríamos de ir à Índia misteriosa, à África escravizada, à quase despopulada Oceania, perguntar às tribos e às religiões, aos brâmanes e aos felicitados, quando começa o seu ano. Veríamos então de quantas mil maneiras diversas o homem denomina e divide o tempo, que o devora por esse mundo imenso. Veríamos quanto as raças, as religiões, as pátrias, os costumes dividem e inimizam os homens.

Fraternidade Universal! Para que votar-lhe oficialmente um dia, se no âmago dos corações a ansia de querê-la não habita?! Para que a hipérita laicização do "amai-vos uns aos outros", se, no fundo, somos todos fariseus para o nosso semelhante?! Para que?

Ó, as irrisórias fórmulas, os sórdidos preconceitos! Festa da Família... Fraternidade Universal... Que representa isso no regime de desigualdade econômica em que vivemos?! Como pode o trabalhador bem-querer ao que o explora, o escravo ao senhor, o preso ao carcereiro? Como pode haver Fraternidade Universal, se as religiões atizam ódios, para dominar; se os políticos aculam interesses, para vencer? Como podem existir o amor e a ternura onde o ódio e a dor imperam?

Fraternidade Universal!... E a inveja, e o ciúme, e a fome, e a doença? Fraternidade Universal!... Mas ha soldados nos quartéis, vendendo armas para matar... Fraternidade Universal!... Mas, nos prostíbulo, homens vendem e homens compram carne de irmãs nossas, à hora, com a bênção do Estado e da Igreja.

Fraternidade Universal!... Ah, sim, ela chegará, um dia. Não essa, de barrete frígido, que uma ridícula convenção nos manda comemorar, em determinado dia do ano, que não corresponde ao começo do dia de todos povos, mas a verdadeira Fraternidade Universal. Será quando sobre a Terra abençoada pela redenção não mais existirem oprimidos e opressores, aristocracia e povo, burguesia e proletariado, patrões e operários. Será quando todos, pela aplicação dos verdadeiros princípios duma economia nova, humana e justa, se considerem iguais. Será quando os produtos da terra e do engenho humano forem igualmente repartidos por todos. Será quando a Beleza não for mais religião dum tanto, nem o bem-estar rezalá dos piores. Será quando as mães famintas não se viem mais obrigadas a negar, com lágrimas, os seios vazios aos filhinhos débeis. Será quando o amor deixar de ser aviltante mercadoria, para ser dádiva esplêndida. Será quando as tias dos pontífices, os cetros dos reis, as espadas dos generais e os cofres dos banqueiros forem simples e inúteis objetos de museu.

E essa Fraternidade Universal, que não reinará um dia, mas uma idade, essa Fraternidade Universal, que nem os fundadores de religiões, nem os ditadores, nem os reis, nem os presidentes puderam realizar, essa Fraternidade, que Cristo e Buda, Francisco de Assis e Francisco Ferrer, Balcónine e Durruti sonharam e não puderam ver triunfante, essa Fraternidade, perpétua, plena e verdadeiramente universal — será obra do pensamento e da ação dos obscuros, sacrificados apóstolos e mártires da Idéia Nova: os anarquistas.

FALA VOLTAIRE!

Miserável médico das almas, gritais durante cinco quartos de hora sobre algumas picadas de alfinete e nada preferis sobre a doença que nos despedaça! Filósofos moralistas, queimai vossos livros! Enquanto o capricho de alguns homens fizer legalmente trucidar milhares de irmãs nossos, a porção do gênero humano consagrada ao heroísmo será o que de mais horrendo haverá em toda a natureza.

Que vêm a ser e que me importa a humanidade, a beneficência, a modestia, a temperança, a brandura, a sabedoria, a piedade, enquanto meia libra de chumbo, atirada a seiscentos passos, me espantia o corpo e eu morro aos vinte anos em tormentos inenarráveis, entre cinco ou seis mil moribundos? enquanto meus olhos, que se abrem pela última vez, vêem a cidade onde nasci destruída a ferro e fogo e os últimos sons que meus ouvidos ouvem são gritos de mulheres e crianças expirantes sob ruínas, tudo isso por pretensos interesses de um homem que não conhecemos?

Isso dizia Voltaire (François Marie Arout) por volta de 1764 (primeira edição do *Dicionário Filosófico*) isto é, há quase duzentos anos. Se revivesse hoje, ele nada modificaria, certamente, desse texto contra a guerra, salvo aquela meia libra de chumbo atirada a seiscentos passos (que brincadeira de criança!) e aqueles seis mil moribundos (café pequeno!) que ele trocaria por milhões.

Quer isso dizer que, nesses dois séculos, o homem (apesar da Igreja e das democracias) em vez de melhorar, piorou.

ELEIÇÕES

JOSÉ OITICICA

Ferve a panela política para escolha do futuro presidente da república brasileira. Grande assunto! Maior do que ele, só existe um agora: o futebol! O outro é efêmero, temporário; este é perpétuo, contínuo, indetenível. Eleição lembra partidos com suas siglas, para mim, cabalísticas: UDN, PSD, PRP, PR, etc., inclusive o defunto PCB.

O zunzum de carôço pegou de zunir quando os próceres, melhor, os chefes aleitaram veleidades de arrancar do caldeirão um candidato único. Linda concepção, perfumadinha de patriotismo, garrida e pimpona de bons propósitos democráticos.

Subiram balões de ensaio, acenderam-se rodinhas festejantes, atvararam-se os conciliábulos, batebocaram os paredros estaduais, opinaram minhocões, (térmo hoje esquecido) de calibre máximo, guinchou o quererismo, trabalharam udenistas, regogou o ademarismo esperançoso, agitou-se Minas, apimentou-se a Bahia, churrasqueou o Rio Grande, coçou-se Pernambuco; em todos os rincões da Pindorama vibrou, num calafrio elétrico, a medula politiqueira dos confiantes no voto.

Mas lá diziam nossos pais: "Panela em que muitos mexem ou sai salgada ou ensossa". Não a panela, é claro, mas a comida. Sucede, porém, amizade, que, em vez de quitute salgado ou ensosso, vira a panela, o caldo se entorna e as comadres ficam a chuchar nos dedos.

Pouco se me dá que chuchem nos dedos ou se embanem. Nossa missão aqui e simplesmente advertir nossos leitores da ignóbil farsa, que é sempre uma eleição republicana, monárquica, ou soviética. Pense bem o leitor no seguinte.

Que desejavam os chefes dos partidos logo no começo das conversinhas a portas fechadas com batidas e cafézinhos? Alardeavam as intenções firmes e elevadas de congraçamento político. Para isso, importava entrarem os chefes em sérios entendimentos. E eis! só eles! E tanto se entenderam, que acabaram desentendendo-se.

Isso pouco nos importa. O que importa é o raciocínio que exoro o leitor a fazer comigo: "Suponha-mos que, por erro estratégico do Diabo, perdedor dos homens, os senhores da política chegassem a uma solução concorde. Das manipulações e remanipulações, lá surgia o nome satisfatório às ambições secretíssimas dos chefes. Gáudio nacional! Solucionava-se tudo sem bulha nem matizada!"

Sim, leitor amigo, deveria solucionar-se, mas não! O natural seria que, apontado o nome vitorioso no cambalacho, fosse esse nome proclamado logo vencedor inconteste. Sim, porque a ninguém, na democracia brasileira, seria dado contestar a escolha. Com efeito, nenhum movimento popular, por mais intenso, lograria barrar esse nome, porque, segundo a sapientíssima lei eleitoral, só os partidos podem apresentar candidatos.

Ora, sendo assim, havendo os magnatas dos partidos acordado no sufrágio de certo nome, para que serviriam as eleições? Nenhum partido indicaria outro nome; nenhum grupo de cidadãos teria o direito de indigitar um preferido. O candidato das confabulações seria candidato impar.

Então, para que eleições? Leitor amigo, eleição presidencial custa muito caro. São milhares de contos saídos das algibeiras magras do povo. Não seria curial, nesse caso da candidatura única, uma grande economia para o erário público? Mas não! Achado o futuro presidente, teremos nós, eu, tu, todo volante voluntário ou involuntário, de ir, palhaços encabreados, as urnas, depôr neias os papéizinhos aviltantes com o nome escolhido por onipotentes senhores que jamais vi.

Pergunto eu: "Quem, nesse caso, teria eleito o presidente da República? O povo? Os cidadãos conscientes?" A resposta, leitor, é uma só: "Não!" Os eleitores únicos seriam os cabeçalhas. Os miseros votantes, não perguntados nem ouvidos, iriam apenas, cabisbaixos, contentes ou não, sob pena de.

(Continua na 2.ª pág.)

Ào entrar o Ano Bom lê-se a sina ao proletário

Vem cá, Proletário amigo, vem cá. Desejo ler-te a sina na palma da mão... Não me fites assim com esse ar de desconfiança. Não sou quem tu supões; não sou desses cavalheiros misteriosos, ou madamas orientais, que anunciam nos jornais as suas faculdades estupidas de adivinhos. Não me tomes tampouco por essas ciganas tismadas, que andam pelas feiras a ler sinas às moças, anteendo-lhes um futuro cheio de ventura, na companhia de esposos ricos e bonitos. Desses leitores da buena dicha também eu desconfio, como tu, porque na minha vida, como na tua, apenas a mala dicha me tem servido de estrêla.

Estende-me pois, a tua mão, Proletário; estende francamente a tua mão a um amigo verdadeiro. Estamos no começo dum novo ano, do Ano Bom, como se diz vulgarmente. E eu quero ler na palma da tua mão qual será o teu destino durante este ano. Anda, resolve-te, dá-me a tua mão.

Desconfias de mim? E', até certo ponto, justificável esse receio. Já tanta gente te vaticinou belos destinos, preenhes de felicidades! No tempo da monarquia, nos comícios, os republicanos, e, depois, durante o fascismo e a guerra mundial, o pai Getúlio, os homens do DIP e os partidários de Stalin leram-te sinas maravilhosas, prometeram-te uma existência cheia de ventura. E, depois... foi e é o que sabes... Tens razão para desconfiar; tomas-me, de-certo, por qualquer político ou vulgar demagogo, que deseja prometer-te tudo quanto ambicionas, tudo quanto entrevês nos teus sonhos de pária. Mas, não amigo, eu não sou político, não desejo, sequer, que votes no meu nome nas próximas eleições. Dá-me, pois, a tua mão, não hesites,

porque eu só pretendo falar-te a linguagem da verdade.

Deixa-me ver a mão. E' calosa e dura. As linhas da Vida estão destruídas por sinais de ferimentos, de escoriações profundas. Meu pobre Proletário, a tua "vida" está seriamente ameaçada pelo trabalho. Em que te empregas? Em tudo? Desces à mina, às entranhas da Terra, sobes aos andaimas, ergues os palácios dos ricos, atravessas os oceanos, edificas pontes, fazes circular os trens, arrancas do seio do mar encapelado o peixe que nos nutre, lavras e semeias, divertes o mundo no palco dos teatros, cantas nas óperas, escreves romances, estudas nos laboratórios os meios de debelar as doenças... Nas tuas mãos está a vida da humanidade inteira. Que admira, pois, que as tuas mãos estejam deformadas pelo trabalho?

Mas, apesar desses calos benditos, eu posso ler-te na mão a tua sina. O passado conhece-lo bem. Resume-se em duas palavras: miséria e escravidão. O futuro, o futuro que entrevês bromoso, pleno de névens que anunciam tempestade, é que te interessa.

Este ano de 1950, este Ano Bom, será para ti, Proletário, tão bom ou pior do que os anteriores. O trabalho, mesmo miserável, mesmo mal pago, faltar-te-á quase por completo, e tu ver-te-ás na dura contingência de veres teus filhos estiolarem-se de fome, sem lhes poderes acudir. Tua companheira irá levando, um a um, para a casa de penhores, para o ferro-velho ou para o algebebe, todos os objetos que no lar poderiam dar conforto a teus filhos. Verás com tristeza trans-

LE-SE A SINA AO PROLETÁRIO por a porta da rua o armário da roupa e a mesa de jantar, a velha arca e as

Figuras do Anarquismo



LEÃO TOLSTOI

Leão Tolstói nascido em Iasnaia Poliana (Kússia), em 1828, e falecido em 1910, é o maior cristão dos tempos novos, ao mesmo tempo que o maior romancista contemporâneo e o fundador da doutrina que ficou sendo conhecida por anarquismo cristão. Como escritor, foi um artista incomparável. Tinha o vigor de Miguel Angelo e a delicadeza de Chopin. Mas foi algo mais ainda do que um gênio literário: foi um homem bom, uma coisa auzad e terna em meio da montanha de blocos de granito, uma chama em meio dos negros furacões, uma rosa no inferno.

Tolstói ocupa um lugar inconfundível na vasta e variegadíssima galeria dos teóricos anarquistas. Para ele, a religião é um imperativo interior, que vê em cada semelhante um irmão e um amigo. Repudia todas as cerimônias exteriores da Igreja e reduz o seu cristianismo a estes termos: "Ama a teu próximo como a ti mesmo". Por isso vê em Jesus a figura ideal maior que a humanidade produziu. Não é ao Jesus da Igreja, o filho de Deus pessoal, a quem adora, mas ao Jesus homem e mártir, que morreu pela sua doutrina. Bem sabia Tolstói que Jesus só pode ser grande como homem; como Deus não é um mártir, nem um sofredor, nem um perseguido, pois não é possível que o seja como Deus. Para Tolstói, longe de ser o Ente Cruel e vingativo das religiões, Deus é "o que faz viver, é o Amor".

Inimigo da Igreja, que explorava a figura dum Cristo falsificado, é-o também de toda organização política fundada na força, na disciplina, ou no Estado em todas as suas formas e em toda instituição de governo uma monopolização do crime. O patriotismo, o nacionalismo, o ódio de raças, a polícia, a diplomacia, o militarismo, a guerra, a lei, não são mais que ramos da mesma árvore do pecado. Tolstói repele toda lei humana e só admite que o desenvolvimento do fôro íntimo constitui a condição real para uma sociedade fraterna. Claro que é inimigo do monopólio da propriedade e do mesmo modo que os anabatistas e outras seitas cristãs da Idade Média, preconiza a comunidade da terra. Esta pertence a todos os homens, e aquele que dela se apropria é um criminoso. Coerente com as suas convicções, renuncia à posse dos seus vastos domínios territoriais em favor dos camponeses que os amanharam e regam com o seu suor. O ideal econômico de Tolstói é o comunismo agrário-anarquista.

Poucos escritores criticaram tão severamente as instituições da sociedade moderna como ele: nunca demonstraram de modo tão evidente que o progresso da nossa chamada civilização é em realidade um processo de degeneração física e moral. Por isso, como o fizera Rousseau, cento e cinquenta anos antes, proclama o regresso à Natureza, à terra-mãe, pois pensa que quanto mais simples e humildemente o homem viva e quanto mais estreita seja a sua vinculação com os seus semelhantes, tanto maior será a pureza dos seus sentimentos e maior o seu regozijo interior.

Tolstói não é um reformador, não pertence ao número daqueles que querem curar o mal da sociedade por meio de pequenas melhorias, mas é, antes, um autêntico revolucionário, pois a sua doutrina e o ariete da sua crítica

(Continua na 3.ª pág.)

cadeiras, os trastes da cama e os cobertores — e, por fim, os próprios colchões. Um dia, não havendo mais nada que empenhar ou vender, afastado em muitos meses o aluguel da casa, um belemun qualquer escorraçar-te-á do único abrigo, pôr-te-á na rua. Vaguearás então com tua companheira e filhinhos, pela cidade, sem amparo, dormindo pelos portais. A noite, um pouco envergonhado, atreverte-ás a esmolar pelas esquinas. Depois, virá a degradação moral, habituar-te-ás à vida de mendigo e pedirás esmola mesmo de dia. Tua companheira venderá jógo, e as crianças perder-se-ão na vadiagem da rua.

Um dia, notarás com espanto que a tua companheira traz mais dinheiro

(Continua na 3.ª pág.)

Patriotismo e Governo

LEÃO TOLSTOI

— “Mas que acontecerá quando não houver governo?” — perguntam muitos.

— Vêr-se-á desaparecer o que era vão, supérfluo e mau, o órgão nocivo, porque se havia tornado inútil e mais nada.

— “Quando, porém, não houver governo, a violência desencadear-se-á, e os homens matar-se-ão uns aos outros”.

— Porquê? Porquê a destruição dum organização saída da violência e que as gerações foram transmitindo sucessivamente por obras de violência; porque a destruição dessa organização que, aliás, hoje, para nada serve, teria por efeito despertar a violência dos homens, avivar-lhes o gosto do morticínio? Parece-me pelo contrário, que, após a falta desse instrumento de violência, ha-de baixar o número de criminosos.

Na hora atual, a nossa sociedade conta homens especialmente educados e preparados para matar os seus semelhantes ou fazer-lhes violência; reconhece-se-lhes um direito especial ao crime, uma organização inteira os protege; consideram-se atos bons e virtuosos as violências que eles cometem. Mas, depois, não mais se verão desses homens sustentados para o mal, não mais se reconhecerá a pessoa alguma o direito de fazer violência seja a quem for, ninguém mais se submetterá a uma organização que não tem outro princípio senão a força brutal, e a violência e o assassinato serão considerados sempre, e por todos, como ações más.

Se, mesmo depois da supressão do governo, se produzirem violências, com certeza serão menos frequentes do que na época presente, em que existem uma organização e um ofício para estimular, como se fossem bons e úteis, a violência e o assassinato. Com os governos desaparecerão uma tal organização e uma tal glorificação da violência.

— “Mas sem governo não haverá leis, nem propriedade, nem tribunais, nem política, nem instrução pública”.

— dizem muitos, fingindo julgar neces-

sárias aos diversos ramos da atividade social as violências do poder.

— A destruição dum governo instituído em razão de violências a exercer sobre os homens não produzirá, de modo algum, a destruição dos elementos bons e racionais que podem conter a legislação, a organização dos tribunais, da propriedade e da polícia, as instituições financeiras e os estabelecimentos de instrução.

Pelo contrário, a desapareção da brutalidade dos governos dará lugar a uma organização social mais racional mais justa, e que não fará emprêgo da violência. Os tribunais, os estabelecimentos pios e a instrução pública, tudo isso existirá, mas na medida em que o povo de tudo possa tirar proveito e sob uma forma que nada deixe subsistir do mal que encerram as instituições atuais. Somente se perderá o que no estado atual das nossas sociedades, é mau e entrava a livre manifestação da vontade dos povos.

Mas admitindo mesmo que, após a desapropriação dos governos, os povos hajam de sofrer abalos e perturbações intempestivas, a sua situação sempre será preferível ao que hoje é. Os povos, nesta hora, estão numa situação tal como não se pode supor pior. As nações estão arruinadas, e esta ruína, inevitavelmente, sempre se irá agravando. Todos os homens são transformados em soldados, em escravos, aos quais, a todo o instante, pode vir a ordem de matar ou mandar que matem. Que pode acontecer de pior? Que os povos morram de fome? E' o que já se vê na Rússia, na Itália e na Índia. Que recrutem as mulheres para o mister de soldados, como os homens? O Transvaal deu o exemplo.

Desta sorte, supondo mesmo, o que a mim não me parece, que a ausência de governo precipite os povos na anarquia (no sentido negativo e subversivo da palavra), as desordens que se seguissem seriam menos terríveis do que a situação presente, criada pelos governos e que estes ainda não de agravam.

E' por isso que só pode ser útil aos homens libertarem-se do patriotismo e destruírem os governos de que eles é o apoio.

ELEIÇÕES Que é um burguês? Ao entrar o Ano Bom...

E. LANTI

(Continuação da 1.ª pág.)

multa envergonhados embora da sua triste figura, homologar a decisão dos indesejáveis corifeus dos partidos.

Vimos isso, clarissimamente, no passado pleito presidencial. Trava-la luta, procuraram arregimentar-se os partidos, pois é voz corrente e assente que os partidos devem ser disciplinados. A UDN, quer dizer, seus guieiros, lançaram (é o termo) o nome do brigadeiro Eduardo Gomes; o PSD (estarei certo?) lançou o nome do general Dutra. O PCB andou de cá para lá, manobrando indecentissimamente, sem saber quem apoiar. O candidato mais simpático a todo o povo brasileiro era, na consciência geral, Eduardo Gomes. Bastaria que o PCB aderisse ao candidato mais aceito para que este vencesse. Só na antevéspera do pleito se soube que o chefe Luiz Carlos Prestes decidira mandar votar no apagadíssimo Yeddo Fiuzza!

Que sucedeu? Todo o partido comunista, num milagroso rasgo disciplinar, sem consulta prévia, submisso às ordens, votou certinho no Fiuzza, como votaria na vaca malhada se assim lho ordenassem. Se o Fiuzza triunfasse, quem o teria eleito? Só um: Prestes. Resultado: Prestes, com sua estratégia deu ganho de causa a Dutra. Ele, em suma, só ele, negando votos a Eduardo Gomes, elegeu Dutra. E Dutra, agradecido, capou de volta o partido de Prestes. Lá se arranjem!

O insofismável é a farsa nojenta a que nos forçam democratas, fascistas e soviéticos. Todos se equivalem na cenografia e pirotécnica dessa burleta enjoadada. Com ela, nem a democracia, nem as monarquias parlamentares, nem o bolchevismo russo resolve coisa alguma. Disse Karl Marx ser a religião um ópio. Nós acrescentamos, alicerçados na experiência, ser a eleição outro ópio. Ópio nefasto porque ilude o povo dando-lhe papel ativo na comédia, fazendo-o supor-se personagem real, sem ver, o coitado, os cordõezinhos que mãos superiores de chefes vão largando ou puxando, imprimindo-lhe os movimentos exatos do mimodrama ridículo.

Tiremos, das andanças partidárias de hoje, lição proveitosa. Não vivamos este segmento de vida confiando na rotina ou fechando os olhos, como na montanha russa, ao despencar. Ao invés, abramos bem os olhos e, iluminada a cena pelo poderoso refletor anarquista, consideremos se não fala certo a doutrina ácrata quando argui o voto como farsa! farsa! farsa!

Leitor amigo! estarás disposto a servir de tiere nessa guinola de histeriões? a servir de palhaço nesse fetibundo circo de vadios?



Gustavo Flaubert, escritor de língua francesa e estilista perfeito, definiu do seguinte modo a palavra “burguês”: *Burguês é um homem que não pensa nobremente.*

Pensar de modo não nobre significa pensar de modo egoísta, visar exclusivamente o lucro pessoal, desejar somente a felicidade individual, até mesmo se para alcançá-la for necessário provocar a infelicidade alheia.

Se estamos de acórdõ com esta definição, poderemos verificar que na classe proletária se encontram muitos “burgueses”. Há, de fato, trabalhadores, cuja única aspiração consiste em se tornarem por sua vez exploradores. De nenhum modo eles desejam a transformação do atual sistema social baseado na injustiça, do qual eles próprios são vítimas, mas tão somente a sua transposição de classe. Tais proletários estão prontos sempre a atrairão os interesses da sua classe. E entre eles que a burguesia recruta os seus lacaios, policiais, furra-greves...

Felizmente que entre a burguesia se encontram também homens que atraíam a sua classe. Kropótkine, Bacúline, Malatesta, Eliséu Réclus, Tolstói, etc., pertenciam à classe burguesa pela sua origem e posição social. Mas eles não defenderam a sua classe. Pelo contrário, atacaram-na rudemente. Espiritualmente, mudaram de classe, proletarizaram-se e converteram-se nos mais temíveis inimigos do capitalismo.

Por isso a burguesia odiou e perseguiu esses homens que a traíram.

Não é segundo o desejo de cada um, que se nasce na classe burguesa, ou na proletária. Mas depende de nossa vontade sustentar ou combater a classe à qual por origem pertencemos.

É também obra do acaso ter nascido ora na China, ora em Portugal ou em qualquer outro país. Mas depende da nossa vontade de tornarmos partidários e praticantes da língua mundial; podemos, por nosso livre arbitrio, repudiar a ideologia nacionalista e em pensamento e espiritualmente tornar-

do que a permitiria o reles negócio da loteria. Repararás que ela ainda é jovem e bonita. E adivinharás tudo: é a prostituição. Insurgir-te-ás, nos primeiros momentos, mas o caldo a horas, o lar que novamente começa a organizar-se, reter-te-ão o impulso da moralidade. Fecharás os olhos. E, por fim, serás tu próprio que lhe exigirás o dinheiro que ela colherá alugando o corpo. Precisarás desse dinheiro, porque o bar, que assiduamente frequentarás, constituirá já um vício dominante que te perturbará o raciocínio e te fará descer, um a um, todos os degraus escorregadios da corrupção.

Bem vês, Proletário amigo, que a sina que hoje leio na palma da tua mão calosa em nada se parece com a buena dicha dos ciganos nem com as miragens de felicidade que os políticos te anunciam para este mundo e que os sacerdotes das várias religiões te profetizam para o outro.

Revolta-te contra as minhas palavras? Acha-las duras, ofensivas, brutais? Revolta-te porque te falo a verdade. Se te mentisse, como os outros, como os charlatães da política ou da religião, dar-me-las “vivas” entusiásticas e levar-me-las em triunfo à Câmara ou ao Senado, quicá à ditadura, ao governo despótico e absoluto. E entretanto a verdade que predizes não deixaria de realizar-se.

Só tu próprio — e não os deuses, e nunca os políticos ou os padres, que te fazem promessas maravilhosas — poderás, se quiseres, modificar o teu destino. Como? Extinguindo as fontes impuras da iniquidade social que te impele para a miséria e para a corrupção, abatendo a sociedade estatal e capitalista e substituindo-a por outra mais bela, mais livre, mais equitativa, como a que os anarquistas te anunciam. A tua felicidade está nas tuas mãos. Constroi-a, e não delegues em ninguém, a político algum ou a algum sacerdote, de qualquer partido ou seita religiosa, por mais avançado que se diga ou mais próximo de Deus que se proclame, a tarefa de edificá-la. Oxalá eu não seja ainda por muito tempo

A VOZ QUE CLAMA NO DESERTO

mo-nos anacionalistas ou cidadãos do Universo. Podemos tornar-nos traidores à pátria, do mesmo modo que muitos se tornam traidores de classe.

Por isso os membros da S.A.T. (Associação Anacionalista dos Esperantistas Proletários de Todo o Mundo) nem sonham com utopias nem fantasiam. Pelo contrário, agem como realistas, que se encontram no pináculo de uma profunda, inatingível mas vagarosa corrente, que conduz a humanidade à unificação, a um sistema social sem nações.

TOLSTOI E A CIÊNCIA OFICIAL

O filho de Tolstói, tendo terminado brilhantemente os seus estudos em S. Petersburgo (hoje, Leningrado), regressou, envergonhado nos melhores saberes universitários, a Jasnaiá-Poliana. Tolstói abraçou-o ternamente:

— Está bem, meu querido filho — diz-lhe o filósofo — és um sábio!

— É verdade, meu pai!

— Sabes o direito, a história, a arqueologia...
— Sim, meu pai!
— A gramática, a retórica, a filologia...
— Sim, meu pai!
— A lógica, a moral, a teologia...
— Sim, meu pai!
— Muito bem!... Vai ao celeiro buscar a vassoura e varre o estrume que está de frente da nossa porta.

14 — Teoria da originalidade e do vigor. Estudo particular das antíteses num sermão de Vieira.

- 1. Não há maior excelssitude do artista que a originalidade. Parecerá, à primeira vista, que dizer originalidade é subentender vigor, não podendo ser alguém original sem ser vigoroso. Embora geralmente sejam vigorosos os escritores originais, nem sempre mostram juntas as duas qualidades no mesmo autor e muitos trabalhos originalíssimos nem um vigor exibem. Ao contrário, numerosos escritores há vigorosos sem nenhuma originalidade. Exemplo disto é a *Oração da coroa* de Demóstenes onde superabunda o vigor, mas sem a menor originalidade. Era um caso de luta política, *mutatis mutandis* sempre a mesma no espaço e no tempo. O vigor estava no calor da expressão, na força dos argumentos, na lógica dos rebates, na concisão e solidez dos períodos.
- Exemplo frisante de originalidade igual, sem vigor é o *Kubaiyat* de O. Khayyam. Em português é notável exemplo o Padre Manuel Bernardes ou o moderno Antônio Nobre.
- 2. No *Manual de estilo*, defini originalidade assim: apresentação dos aspectos, fatos ou opiniões de modo pessoal, sem imitação de processo; ou particularidades alheias. Resumindo isso, temos: originalidade é a expressão pessoal.
- 3. Esta definição dá-nos a chave para uma teoria da originalidade. A chave está na *individualização*. Como o oposto da originalidade é a banalidade, esta se caracteriza pela *generalização*. Onde, tanto mais original é o escritor, quanto mais particularizar, individualizar, e tanto mais banal, quanto mais desindividualizar.
- 4. Suponhamos a descrição. Para alguém ser original há de particularizar os aspectos ou impressões. A descrição, sabemos, é de interior, de paisagem ou de tipo. Ora, os aspectos gerais são comuns a todos os interiores do mesmo gênero. Todas as salas de aula se caracterizam por esses aspectos gerais; porém, ládas elas se distinguem pelos aspectos particulares. Todas têm mesa do professor, carteiras para os alunos, uma ou mais pedras para explicações, etc. A descrição original desprezaria esses caracteres gerais e apegar-se-ia aos diferenciais, faria realçar os distintivos e não os assimilativos. Uma sala de aulas numa escola de aldeia, como tantas no Brasil, tem sinais pinturescos de velhice, pobreza, deficiência cuja menção lhe tornaria a descrição exemplo impar, apresentaria cousa diferente. Sim! porque dificilmente se encontrarão dois ambientes em tudo iguais. Duas prisões, idênticas no geral, diferem sempre no particular. Portanto, a salientação do particular é processo de originalidade descritiva.
- 5. Narração é sequência de fatos. Os fatos determinam episódios; uma festa, um incêndio, uma sessão parlamentar, um comício em praça pública, uma sedição, um piquenique, etc. Os episódios do mesmo gênero todos se parecem nos fatos gerais. Todo incêndio numa grande cidade é espetáculo, sucessão idêntica de fatos. Só se distingue de outros nas minúcias, nos acontecimentos particulares: local, hora, caráter e préstimo do edifício, locatários dos andares, sobretudo os acidentes ocorridos, com os moradores, pormenores de salvamento ou tragédias.
- 6. Em história, geral ou nacional, o segredo de escritor, querendo ser original na exposição, é o de mencionar, apenas por cima, os episódios inevitáveis e caracterizar épocas, figuras, movimentos com os casos mais típicos, todos eles sempre únicos porque jamais se repetem com feição idêntica.
- O orador, para prender a atenção dos ouvintes, há de ilustrar suas idéias com fatos interessantes, há de explicar o abstrato pelo concreto. E' conhecida a anedota típica do cão de Alcebíades.
- 7. Na dissertação, sequência de idéias, a originalidade está na particularização dos motivos de ver os assuntos tratados. Ainda

CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

quando um autor versa uma doutrina aceita, pode ser sua exposição diferente das demais, portanto original, se ele a apresentar com observações confirmativas suas, hauridas diretamente nos fenômenos do mundo.

8. Isso mesmo foi dito assim por Lanson em seus *Conseils sur l'art d'écrire*: “Os termos abstratos, gerais, coletivos não dizem grande cousa a espiritos jovens, pouco afetos à contemplação do universal. Todavia, por um passe mecânico da memória, esses mesmos espiritos repensam com vocábulos abstratos, gerais ou coletivos. Tendo-os pensado e expresso, cuidam esgotados, ao mesmo tempo, os seus poderes de invenção e não logram ir além. Dai a esterilidade da imaginação, á secura da elocução. Quebrai essas palavras onde se petrificou a idéia, desencheia-a de seu conteúdo. Transportai a abstração às realidades concretas; desfazei a generalização e decomponde a coleção; fitai os fatos e os indivíduos. Vossa língua se desatará diante do particular, tereis de emitir um juízo, enunciar uma razão, notar uma emoção. Muitas vezes essa análise é o desenvolvimento mesmo que buscáis e, pelo simples fato de haverdes substituído o abstrato, a lei, o gênero pelo concreto, pelo fenómeno, pelo indivíduo, tereis roçado a meta, pintareis, provareis, comovereis”.

9. Note-se que a originalidade, na dissertação, pode estar na própria doutrina. Não consideramos aqui esse caso. Tratamos apenas da originalidade na exposição, isto é, a originalidade como qualidade de estilo. Conceitos originais são amilude expendidos banalmente, ao passo que, nos bons autores, verdades corriqueiras se apresentam originalmente ditas.

10. Em meu *Manual*, mostro que vale muito à originalidade a riqueza de estilo, condensada lá em cinco recomendações: evitar expressões banais, vulgares; procurar imagens e comparações novas ou renovar as antigas; ter amplo vocabulário para fugir a repetições de vocábulos e, entre muitos, escolher o mais preciso e exato; particularizar os aspectos e os fatos.

11. “O vigor consiste em transmitir o aspecto, o fato a opinião do modo mais incisivo, que mais excite a atenção do leitor” (*Man. de estilo*, pg. 10). Na página 104, define: é a energia na expressão dos aspectos, episódios ou concepções.

Como condições favoráveis ao vigor, cito a clareza e a concisão e enumero quatro exigências técnicas: evitar a voz passiva nas expressões movimentadas (excetuando acréscito agora, os ablativos absolutos, que são orações passivas reduzidas de participio passado, porém cujo efeito, como veremos, é de movimento); evitar o infinito substantivado, se houver substantivo correspondente; usar com propriedade as inversões e realçar as idéias por meio de antíteses.

No *Manual* trato das inversões e das antíteses. Mostro aí que o estilo sempre retílineo, o da ordem gramatical é avesso à indole do português e uma das razões do estilo chato e plano de muitos autores. Admite-se esse estilo nos livros de ciência, quando muito, no *estilo oficial*, terra a terra, em cartas familiares apressadas. Fora disso, desde que saíamos da literatura utilitária e passemos para a artística, temos nas inversões poderoso auxiliar do vigor.

12. Nas dissertações a que Albalat chamou estilo de idéias, a antítese sobreleva todos os processos, melhor, constitui o pro-

cesso mais seguro de intensificar e evitar a exposição, aclarar o debate, interessar o leitor. Realmente no *Manual de estilo*, defini a antítese: é um realce por contraste de dois pensamentos.

Transcrevo aí a opinião de Albalat quando eleva a antítese a processo artístico das dissertações e mostro ser tal processo o dom mais primo de Vieira.

13. Têm muitos censurado em Vieira a constância da antítese nos sermões. Todos conhecem a coima de Carlos de Laet na Antologia Nacional: “Pesto que pague copioso tributo ao imoderado gosto das antíteses, Vieira é um dos melhores mestres da língua...”.

Todavia, seria fácil verificar-se o que seriam os Sermões aspidando-se-lhes as antíteses ou sequer diminuindo-as. Aquêle estilo vivíssimo, sempre alerta, logo embaçaría, e os lampejos de pedeneiras entrecrocadas apagar-se-iam. Seria Vieira um orador comum, talvez bom não seria o genial Vieira, o maior dos oradores.

14. Tomemos um exemplo. No célebre sermão de Santa Teresinha, pregado na ilha de S. Miguel, dias após seu quase fatal naufrágio, procura demonstrar que toda a santidade está no temor. Apresenta sua tese como paradoxal e dá para exemplo o sacrifício de Isaac para Abraão, seu pai. Deus, sustentando o golpe já desferido, diz-lhe: “Agora vejo que temes a Deus”. Não disse amas.

Eis como Vieira defende o *temes*: “Quando o pai e o filho iam caminhando para o sacrifício, diz o texto que levava Abraão em uma mão a espada e na outra o fogo. O que bons espelhos para aquela ocasião! Na mão da espada, ia a morte do filho; na mão do fogo, ia o inferno do pai. Se obedeces, hás de matar; se desobedeces, hás de arder. O amor via-se ao espelho da espada; o temor via-se ao espelho do fogo. E' possível, pai, dizia o amor, que hás de matar o teu filho único e amado? E que a vida e o sangue que lhe deste, o hás de derramar com tuas próprias mãos? Não há de ser assim; viva Isaac e cala rendido o braço da espada. Mas, se não morre Isaac, replicava o temor, se Isaac, sacrificado, não se abraza neste fogo, há de ir Abraão, por desobediência arder no inferno. Ou arder Abraão ou morrer Isaac. O que cruel dilema para um pai! Mas, passar a espada pela garganta de Isaac é um momento, instava o temor, e arder Abraão no inferno é uma eternidade; pois padeca um instante o filho para que não pene eternamente o pai. Torna-se a levantar o braço da espada e já ia descarregando resolutamente o golpe; mas, acudiu Deus. E, como toda essa resolução de tirar Abraão a vida a teu filho foi por temor de não ofender a Deus e se condenar, por isso Deus não disse: “Agora, conheci, Abraão que me amas”, senão “Agora conheci que me temes”.

15. O trecho inteiro é uma sequência de antíteses nascidas e desenvolvidas da antítese bíblica: levava em uma das mãos a espada e na outra o fogo para assar a vítima, simbolizando aquela a morte do filho e este o inferno do pai. Surge a antítese dos espelhos, a antítese dos argumentos: ou morte, ou pena eterna, e o drama antitético da: personagens amor e temor, dialogando.

Procure o leitor alinhar os argumentos comprobatórios da tese eliminando a sequência dessas antíteses e convencer-se-á de que a beleza do trecho consiste exclusivamente nelas. Sem elas, tudo definharia, desmerece, destinge-se.

16. Minucioso exame das antíteses exame incabido aqui mostraria que as há de várias espécies: de palavras (epítetos, sobretudo), de expressões, de orações, de aspectos, de fatos, de argumentos, de imagens, de personagens etc. Demais pode haver combinações desses tipos. Nestes pontos elementares basta o exposto.

★

A seguir — Ponto 15: valor da imagem, da metáfora, da comparação. Renovação de imagens. A rima sugeridora de imagens.



COOPERATIVISMO LIVRE

P. FERREIRA DA SILVA

Toda a ação do indivíduo deve ser livre, dirigindo-se naturalmente no sentido de uma aproximação coletiva que não seja ditada senão pelo interesse social do indivíduo dentro do seu grupo. Sendo o interesse do indivíduo cooperar com os que lhe estão perto, numa junção de esforços que evite o isolamento e não deixe estiolarem-se os componentes da sociedade, é lógica a associação livre. Assim tem de ser também o cooperativismo, sob pena de sofrer torturas e aleijões e deformar-se ao sabor dos seus inimigos. Inimigos do cooperativismo consideramos nós os que, fazendo dele propaganda suspeita, o sujeitam a formalismos burocráticos e regras mercantilistas. Não podemos crer que se alcance a solução econômica dos problemas do povo sob o domínio do estado, mesmo em sindicatos ou cooperativas ajustadas a preceitos respeitadores da chamada "ordem constituída". Comédia tem de ser e mais nada, dispersão e engodo para as classes exploradas.

No entanto, os defeitos da instituição do comércio estão a gritar em demasia sua escandalosa e feia influência. Comércio e fisco, preços e tabelamento, mercado negro e miséria dos produtores, rebentam a cada passo em conflitos dos quais só resulta uma vítima: o povo. Veja-se que até o boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro, procurando fulminar o tabelamento oficial de preços, nos conta esta curiosa história de tomáticas:

"A própria evidência da ineficácia e perniciosa dos órgãos controladores dos preços impressiona as autoridades. Se é sobre o comerciante que recai a maldição do mecanismo policial e também as acusações dos demagogos de toda ordem, é entretanto o produtor que pode melhor documentar a insensatez dessa política. Ele mostra esta coisa tremenda para a economia nacional: não pode produzir mais, melhor e mais barato, porque sua lavoura ou indústria está sufocada pela compressão. Aqui está um plantador de tomates. Comprou uma terra no Estado do Rio, organizou uma lavoura de tomates de tipo especial, teve boa colheita. E então pega de um lapis e faz algumas contas.
1.000 pés de tomates dão, em média, 60 caixas de 25 quilos. Em cada

mil pés ele gasta pelo menos 5 cruzeiros de adubo e mão de obra. Gasta em 5 caixas (custo e frete das caixas vazias, pregos, frete das caixas cheias) um mínimo de 1.200 cruzeiros. Vende no mercado essas 60 caixas por 3.600 cruzeiros. Menos os 10 por cento do banqueiro do Mercado, são 3.240 cruzeiros. Menos aqueles 1.200 de despesas, são 2.040 cruzeiros. Menos a parte do meeiro, são 1.020 cruzeiros. Aqui está no que deu a sua safra de 1.000 pés de tomates, o que lhe sobra para cobrir o empenho de capital e outros riscos da produção.

Resultado: como o homem do Mercado não lhe pode comprar por mais porque tem de vender pelo preço da tabela (3 cruzeiros), o produtor não pode desenvolver sua produção. Esta naturalmente estanca ou diminui, enquanto a população cresce. O mercado negro floresce. E mesmo que mil comerciantes sejam presos e arruinados, tudo pode acontecer, menos o barateamento do custo da vida. Menos a fartura de tomates..."

Eis como um expoente do sistema comercial pinta a situação. Para lhe dar remédio? Não, nem precisa. Falar de comerciantes arruinados é figura de retórica que não impressiona, quando os vemos enriquecer e os pobres definir. O que pretendem é simplesmente... a liberdade dos preços!

Diz essa história que o homem do Mercado vende os tomates a 3 cruzeiros o quilo. Ainda que assim fosse e não existisse o "mercado negro", que eles mesmos confessam, ganharia 60 centavos em quilo. Acham pouco. Está no seu direito. Mas que benefício traz à coletividade esse tributo pago à ociosidade, ao "atrasamento", à interferência de um comércio que não produz, a não ser a maravilha de roubar consumidor e produtor?

Uma cooperativa agrícola resolve o problema deste, se não ficar sujeita aos mesmos parasitas da distribuição. Mas o que é preciso sobretudo é que as cooperativas sejam livres, não sofram constrangimento de qualquer espécie. Nem mesmo a dos tabelamentos, sobejamente desnecessários em vista dos seus próprios fins anti-lucreativos.

Constrangimentos são também as normas que o estado quer impor à or-

ganização de cooperativas, fingindo-se incentivador delas para melhor as fazer à imagem e semelhança das instituições que lhes têm de ser adversas. A propaganda do cooperativismo deve ser tarefa nossa, não daqueles a quem o cooperativismo há de destruir. O estado vive de tributos, não pode matar o comércio que lhe dá ou encaminhava esses tributos. A cooperativa, em grande ou pequena escala, combatendo o comércio tende a prejudicar os tributos e consequentemente as rendas do estado. A cooperativa há de ser feita e desenvolvida por nós, livre de todas as peias ou regulamentos estranhos ao nosso interesse.

Há entre muitas, uma circunstância que bem demonstra a impropriedade da regulamentação das cooperativas pelo estado. Para terem sua existência legalizada, impõe-se-lhes o registro numa repartição do Ministério da Agricultura, ou nas Secretarias de Agricultura dos governos estaduais. São repartições que ostentam títulos como este: "Departamento de Assistência ao Cooperativismo". Eis uma amostra de tal assistência: certo número de escritores e artistas de teatro associaram-se para uma cooperativa artística, destinada a realizar espetáculos sem a interferência dos empresários, organizadores que por força do vício mercantil exploram a indústria teatral e vivem à custa dos talentos alheios. Existindo na capital do país um Serviço Nacional de Teatro, subordinado ao Ministério da Educação, e sendo o teatro uma atividade não só artística como cultural e educativa, supuseram os organizadores da cooperativa artística que a esse Ministério deviam dirigir-se para aprovação de seu Estatuto e legalização de suas atividades. Mas não! O seu engano foi total. Era ao Ministério da Agricultura que tinham de dar contas e pedir conselho. Irritaram-se com o absurdo, naturalmente. Afinal, não iam plantar tomates nem colher mandioca, embora isto seja tão digno como representar Molière ou declamar poemas futuristas. Parece que desistiram.

Pois terão errado em desistir. Essa como outras cooperativas nascidas na espontaneidade do interesse de todas as classes que trabalham, não precisam de registros ou preceitos normativos ditados pela burocracia estatal de qualquer ministério. O cooperativismo é do povo, e, como o povo, tem de ser espontâneo, independente e livre.



"O prof. Silva Melo, catedrático de medicina na Universidade do Brasil, acaba de publicar novo livro, este de combate às superstições dominantes da nossa época: a astrologia, o espiritismo, a quiromancia, a numerologia, etc. Trata-se de nova afirmação do valor do ilustre homem de ciência." — Lê-se num jornal.

A Ciência, a ciência do momento, a ciência oficial, não passa de nova religião. Há devotos de S. Sebastião, do padre Antônio do Rio Casca, das Senhoras de Fátima e de Lourdes e dos santos Stáline, Getúlio, Preses, Cosme e Damião, como há devotos dos Raios X, das pilulas de Bismuto, das injeções de Neo-Salvarsán, das vacinas, dos soros, das Sulfanilamidas, da Penicilina, da Streptomomicina e das centenas de ídolos, à sombra de cujos templos prosperam os charlatães da Ciência oficial, mais perigosos do que os da Ciência não-oficial ou clandestina. Ao ser detronado pelo "914", não houve malefício que não se atribuisse ao "606", antes cantado em todos os tons como específico non plus ultra contra a sífilis e, logo depois, acusado de ter causado tabes à maioria dos doentes que o haviam utilizado. Coisa semelhante ocorreu, em seguida, ao "914", ao ser destronado por outros específicos, e sucessivamente a estes, e o mesmo se verifica hoje com as sulfanilamidas, tão decantadas, um momento, como novos santos milagrosos para logo serem desacreditadas e apeadas dos seus altares pela Penicilina e pela Streptomomicina, do mesmo modo como estas santas drogas já começaram a ver o seu prestígio ofuscado por outras. O Estado, o Capitalismo e a Igreja, impotentes para garantirem a todos os que utilmente trabalham a saúde e a felicidade por meio de uma alimentação abundante e sadia, dum repouso reparador e duma habitação confortável e higiênica, recorrem às injeções, pilulas, soros, vacinas, milagros e demais práticas charlatanescas das superstições médicas e religiosas, e ainda a outras práticas igualmente charlatanescas da superstição autoritária, que o prof. Silva Melo, como médico facultativo e bom stalinista, que se mostra em vários dos seus livros, não combate, mas antes defende. Todavia, são estas, a Autoridade do homem sobre o homem (personificada no Estado), a Propriedade Privada e o Patriotismo, e não as que o prof. Silva Melo combate em seu novo livro, as superstições dominantes e as mais perigosas da nossa época. Por grandes que sejam os danos causados pelas superstições não-oficiais, da astrologia, do espiritismo, da quiromancia e outras, em nada se poderão comparar com os danos causados pelas superstições oficiais, da Medicina, tão combatidas por Voltaire, Bernardo Shaw, Tolstói e outros, da Religião, da Autoridade, do Patriotismo. Aquelas tiveram, ao menos, a vantagem de nos levar à descoberta de coisas úteis, como as leis da astronomia, da psicologia profunda, da caracterologia, etc., enquanto a Medicina oficial com seu arsenal de venenos chamados remédios, a vacinação obrigatória e quejandas práticas da superstição médica, tem envenenado gerações, debilitado defesas orgânicas, comprometido os interesses biológicos da espécie. E o que não poderíamos dizer das superstições religiosas, com a sua longa lista de crimes de toda espécie; do Estado-Providência, da Propriedade Privada, geradora da fome e da miséria; e do Patriotismo, devorador de milhões de vidas nos campos de batalha? A exploração das superstições astrológicas, espirituais, quiromânticas, etc., prefere a maioria a exploração das superstições médicas, estatal ou religiosa porque qualquer destas é muito mais rendosa do que aquelas. Atacar as "ciências" que a Igreja e seu irmão gêmeo o Estado consideram malditas e defender a Ciência oficial é fácil e cômodo, principalmente para um homem, que, como o prof. Silva Melo, cultiva a superstição do Estado totalitário.

Pergunte o que quiser!

Um leitor pergunta-nos: Qual é a diferença entre: 1) o anarquismo comunista 2) federalismo 3) sindicalismo.

1) ANARQUISMO COMUNISTA — Implica simplesmente uma sociedade sem governo ou outro instrumento de autoridade ou coerção, no qual todos os meios de produção — terra, minas, fábricas, meios de transporte, electricidade — são possuídos e trabalhados em comum. A ninguém deveria ser negado acesso aos meios de produção, nem deveriam eles cair sob controle de algum grupo exclusivo na sociedade. Os anarquistas comunistas consideram que a negação da liberdade de acesso aos meios de produção (como nas sociedades do tipo propriedade privada ou propriedade estatal) é o principal meio pelo qual é permitido a uma minoria social impor sua vontade à maioria. Além disto, é esta negação de acesso aos meios de vida que coloca os homens na posição de não terem nada, exceto sua capacidade de trabalho, para vender. O anarquismo comunista reconhece que o completo desenvolvimento dos homens depende da sua vida em comum na sociedade e não vê em tal combinação uma diminuição da liberdade individual mas sim sua realização. Nisto ele se opõe à ideia implícita no ensino dos anarquistas individualistas: que o maior objetivo é a liberdade individual no sentido de independência individual completa. Para os individualistas, viver em sociedade implica abrir mão da própria liberdade individual em favor das necessidades coletivas do grupo. Dai ensinarem eles que um homem tem o direito único e exclusivo aos produtos do seu trabalho. Os anarquistas comunistas mostram que quase todo o trabalho é, até certo ponto, social e depende da cooperação mútua entre os indivíduos que compreendem um grupo, de modo que é impossível dizer que o trabalho de um homem é totalmente dele próprio, porquanto ele necessita, de certo modo, de seus companheiros. Proclamam eles que o ensino dos anarquistas individualistas, com relação aos produtos do trabalho, é baseado num erro fundamental. (Esse problema é desenvolvido por Berkman em "A B C of anarchism").

2) FEDERALISMO — Significa simplesmente a ligação de agrupamentos autônomos na sociedade, por meio de combinações livres, sem serem todos eles subservientes a uma autoridade centralizadora (veja porém "Kropkin's Federalism" de Camillo Berneri).

3) SINDICALISMO — É a teoria da combinação da classe trabalhadora baseada na consecução da luta de classe com o objetivo de derrubar a atual sociedade dividida em classes, pela expropriação dos que estão de cima. Nisto ele difere do trabalhismo reformista que procura apenas melhorar a situação do trabalhador dentro da estrutura da sociedade capitalista e que degenerou portanto num instrumento de controle estatal do trabalho, tal como vemos na Frente do Trabalho (nazistas), nas Trade Unions (so-

EXISTENCIALISMO E LIBERDADE

AGUSTIN SOUCHY

Após a segunda guerra mundial, apareceu no mundo a filosofia existencialista. Seu conteúdo ideológico é velho, porém, se apresenta sob fórmulas novas. Trata-se de uma reação contra o naturalismo e o materialismo do século passado, iniciada já por Gustave Lebon, Ernst Mack, Freud e outros. Há três variantes do existencialismo: uma antiga que se baseia em Santo Tomás e Kiekegaard; uma alemã do professor Heidegger; e a última do francês Jean Paul Sartre. Para Santo Tomás "a existência subsistente" e "o ato puro de existir" se manifestam por Deus. Quem não aceita a noção de Deus, não necessita ocupar-se do existencialismo tomista. Soren Kiekegaard, dinamarquês da primeira metade do século passado, foi um "cavaliheiro de fé cristã", obcecado do pecado original, do mistério da redenção e similares problemas. Opinou que "O estado de inocência supõe a paz, o repouso e o nada. O Nada gera a angústia e a angústia é o vertice da liberdade".

Martin Heidegger, catedrático de teologia da Universidade de Freiburg, Alemanha — que atualmente não tem permissão de ensinar por ter colaborado com os nazistas, — ocupa-se igualmente do Nada. "Ocorre algo na existência do homem capaz de provocar um estado de ânimo pelo qual ele se veja impellido a notar a existência do Nada?" E a resposta é "Sim, desde que a manifestação do Nada seja a Angústia".

O existencialismo do francês Sartre se distingue, por certo, de seus precursores. Sartre é homem da esquerda; porém, sua filosofia é u'a metafísica do velho estilo, e não foi libertada dos conceitos tradicionais. Nada e a Angústia se encontram igualmente em seus

viéticas) e na T. U. C. (inglesa). (Estas citações não são arriscadas; existe uma real identidade de objetivo nestas instituições trabalhistas). Sindicalismo porém implica também um método de organização baseada numa concepção revolucionária da sociedade futura: Assim, como ele deseja que os trabalhadores chamem a si a produção, visa organizá-los, por indústria, de tal modo que eles possam fazer funcionar-la quando for abolido o dono. Como eles também desejam ver a sociedade sem autoridade coercitiva, repudiam também a concepção de líderes sindicais. Funcionários num sindicato podem funcionar apenas durante um período limitado, depois do qual devem voltar para as fileiras.

conceitos existencialistas. Em seu drama "As Moscas", o Herói, Orestes, declama que "o Ser começa para lá do desespero". Seu conceito fundamental é pessimista e fatalista. Por isso, sua filosofia é uma criação autêntica da época da guerra e da imediatamente anterior. Falta o elemento heróico que tão admiravelmente se mostra no "Fausto" de Goethe. Por tal razão, o existencialismo significa um passo atrás. Certamente, Sartre nos diz que o homem é livre em todas as circunstâncias, porque tem a faculdade de selecionar. Porém, para Sartre, as condições sociais exteriores não exercem coação alguma sobre a faculdade de tomar o homem decisões. Tal afirmação está em flagrante contradição com a lei da causalidade e as influências recíprocas entre o homem e seu ambiente.

Por seu acento de liberdade e do livre arbítrio, o existencialismo sartriano é um progresso inegável, em comparação com seus precursores. Porém, não está livre dos obscuros conceitos metafísicos da filosofia cristã. Por essa razão, o existencialismo não pode ser considerado como filosofia da liberdade.

A filosofia libertária é um pensamento completo e anti-dogmático. Situa o homem dentro de uma sociedade livre e estipula que a evolução da personalidade se manifesta no mesmo ritmo que a evolução das condições sociais. Liberto de prejuízos religiosos e superstições arcaicas, o ideário da filosofia da liberdade servirá como guia ao pensamento e precederá aos novos horizontes ideológicos, da mesma maneira que as teorias precedem a prática.

Em tal virtude, a filosofia da liberdade será o promotor da forte personalidade do tipo do homem moderno em uma sociedade livre.

Não devem ser pagos além do que receberiam se continuassem nas fileiras trabalhando; daí não haver incentivo de carreira pela aceitação de posições oficiais no sindicato as quais recebem principalmente militância e trabalho pesado. Delegados sindicais e funcionários estão sujeitos a serem chamados de volta, e suas decisões são sujeitas à aprovação dos trabalhadores que os elegeram. Sindicalismo, portanto, é um meio de organização dos trabalhadores para a luta de classe revolucionária e para evitar o reformismo das associações trabalhistas ordinárias. De acordo com seus objetivos e métodos de organização o sindicalismo tem seus próprios métodos de luta.

Figuras do anarquismo

(Continuação da 1.ª pag.)

ca impiedosa vão dirigidos contra os alceões da sociedade moderna; combate a essência e não a forma da nossa chamada civilização. Aspira a reorganizar a vida humana sobre nova base e repele todo compromisso com o que aí está. Mas o mais original no anarquismo tolstoiano é a sua reprobção de toda espécie de violência, tanto por parte dos opressores, como por parte dos oprimidos, como meio para combater o mal. É preferível — diz — sofrer dos injustos antes que ser injusto. O mal devemos combatê-lo, não com a violência, mas com o valor das convicções. Um ideal puro só pode ser realizado por meios puros. É a exortação mais formal dos métodos dos jesuítas e dos seus modernos discípulos, os comunistas autoritários, ou estalinistas, baseados na doutrina de que os fins justificam os meios. Por isso, talvez, os estalinistas

"O governo argentino decidiu aumentar os impostos".

"É cômodo pensar que a principal função do Estado consiste em tirar dos nossos bolsos precisamente as notas de banco, que ele próprio edita!"

"É difícil imaginar um governo socialista, mas o funcionamento de uma sociedade anarquista antolha-se nos impossível!" — afirma categoricamente um plúmbeo de um dos órgãos principais da Wall Street carioca.

"Difícil é tudo aquilo que pode ser imediatamente realizado. Impossível, aquilo que exige um pouco mais de tempo."

"A imprensa inglesa nota que se registraram menos crimes particulares durante a guerra do que após ela".

"Isto apenas prova que oficialmente os crimes coletivos deliciaem os homens, e que a grande imprensa representa um papel nojento."

"Inaugurou-se a Legião da Decência, cruzada promovida por D. Jaime de Barros Câmara, cardeal do Rio de Janeiro, com o apóio de todo o clero, entidades oficiais, etc."

"Será desta vez que veremos a decência imperar nos confessionários, colégios religiosos, nos confessionários? Conêm não restringir a fiscalização às praias, onde Eva se exhibe quase no estado de indumento em que o Criador a lançou no mundo."

não ocultam o seu despeito contra Tolstói, a quem negam a qualidade de revolucionário, considerando-o um vulgar burguês.

Compreendemos a atitude do grande filósofo de Iasnaia-Poliana, pois não julgamos o terrorista revolucionário o tipo ideal do futuro. Mas também a este o compreendemos, porquanto estamos convencidos de que as grandes injustiças não cairão sem erupções violentas. Onde o homem geme, sofre e morre, sob o látigo brutal dum regime de terror e de injustiça, o protesto violento não é senão a consequência lógica e inevitável do regime. Admitamos, entretanto, a grande força moral das táticas propostas por Tolstói e por seu semidiscípulo Gandhi: o boicote contra o Estado, a resistência ao serviço militar e outros. Simplesmente e de acordo com as lições da História, duvidamos de que tais métodos possam, por si só, libertar o homem da maldição do Estado e do capitalismo.

A Epopéia dos Anarquistas na Resistência Espanhola

Os nossos companheiros anarquistas continuam escrevendo, com o seu próprio sangue, em Espanha, as mais belas páginas de heroísmo e de abnegação, na luta de vida ou morte, que o povo daquele país trava contra a afrontosa tirania de Franco...

★ ★ ★

A luta pela liberdade exige sacrifícios cruéis. Não é somente a palavra inflamada a que abre caminho. É também a ação, a ação conhecida em toda sua magnitude e grandeza pelos que a animam.

Cairam bravamente, assassinados pela máquina franquista, mais dois Homens, Homens integrais: José Sabaté e Francisco Martínez. Com eles, alguns outros companheiros, de que não temos presentes os nomes, todos bravos, dignos como aqueles...

Ação dos irmãos Sabaté na Resistência espanhola, durante cinco anos consecutivos de hostilidade ao regime franquista, tem algo de epopéia. No dia em que alguém, que saiba manejar solitamente a pena, contar isso com a naturalidade do vivido, assombrará todo o mundo...

José Sabaté caiu, há dia, em Barcelona, ferido em peleja desigual, tu combatido com alguns balaios na cabeça, ao tombarem no chão. Seu irmão menor caiu, ferido, nas terras das feras. Os horrores dos martírios que terá sofrido são inenarráveis. O outro irmão, Francisco Sabaté — outro herói da Resistência — está detido em França, porque o franquismo pediu sua extradição...

Os que conhecemos esses homens, sabemos o que valem. José e Francisco Sabaté são homens da estirpe dos Ascensos, dos Durruítis, dos Archs. São os homens da Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.) e do anarquismo militante...

conhece toda a Espanha. Esses homens têm companheira e filhos; amamos profundamente; mas, sua obsessão é a luta, e a ela tudo sacrificam.

Em meio à mesquize ambiente e às muitas ambições, filhas do egoísmo e de inconfessadas covardias, os Sabaté, como os Catalas, os Raul Carballes, os Lopez, os Amador Frances, são expoentes claros de dignidade humana...

Francisco Martínez era ativíssimo militante das Juventudes Libertárias. Em França, tomara parte no Comité Nacional das mesmas. Não ultrapassava muitos os 25 anos. Voluntarioso, dinâmico, inquieto, despegava intensa atividade no Interior.

Cercado pela polícia e demais esbirros franquistas na casa onde descançavam, bateu-se o grupo de companheiros como leões. Os facinorosos da Falange tinham ocupado até os telhados das casas onde davam caça a esses bravos da Resistência.

Acossado, Francisco Martínez, morto um dos companheiros, feridos outros, foi intimado a render-se.

— Render-me? Jamais! Foi uma cusparada de desprezo e altivo desafio. E prosseguiu arrostando os mercenários do franquismo, até expirar privado de balas. Deixa companhia e um lindo filho.

Eis aí, patentes, alguns novos crimes do franquismo. Encanção o Caudillo, com fausto que deveria levantar o mundo, passeia sua ascensa figura por Portugal, e cretinos como Luís de Galinsega, pela Vanguarda, se atrevem a grilar que "Franco é um gênio militar, mas também um gênio da política"...

Pese a tudo e a todos, o fervor das almas justiceiras e dos peitos bravos, a obra da Resistência ativa salvará a Espanha, reincorporá-la à vida, abrir-lhe-á seguro caminho de liberdade.

GERMINAL ESGLÉAS



José Luiz Barrao — Luciano Alpuente — Júlio Rodriguez

Comunicado do Secretariado Intercontinental da C. N. T. de Espanha no exílio

Sobre o mesmo assunto, comunicamos o Secretariado Intercontinental da C. N. T. de Espanha no exílio:

"As forças da Confederação Nacional do Trabalho — Federação Anarquista Ibérica continuam na vanguarda da luta em prol da libertação do povo espanhol, sendo por isso as mais visadas na caça feroz de repressão..."

Impotentes para deterem a onda de revolta contra o negregado regime de Franco, onda que diariamente se alveja, e apavorados com a série de atentados em que nos últimos dias têm perdido a vida, em toda a Espanha, algumas dezenas de membros categorizados da Falange e de policiais das brigadas de repressão...

pressiva por parte dos tiranos, os anarquistas não esmorecem na luta em prol da redenção definitiva do povo espanhol. Para tal objetivo, mister se torna, porém, que os anarquistas e amigos da Liberdade espanhóis por todo o mundo não neguem aos bravos que lutam em Espanha a solidariedade que lhes têm vindo prestando...

★ ★ ★

Como se verifica, Espanha continua sendo uma síntese ulucicante do drama universal. A repressão esmaga o homem; o padre beze o poderoso; o diplomata trapaceia; e a elite proletária agrupada em redor do pavilhão negro da Federação Anarquista Ibérica e da Confederação Nacional do Trabalho, luta e morre por valores hoje calcados aos pés no resto do mundo...

Todas as contribuições devem ser remetidas em nome do administrador de Ação Direta, Manuel Peres Fernandes, Caixa postal 4583.

O EVANGELHO DA HORA

PAULO BERTHELOT

(Continuação do número anterior)

CAPITULO 1.

- 1. Entretanto pela cidade espalhavam-se as palavras que ele dizia — e os estudantes escutavam-no com atenção. 2. E um deles lhe disse: — "A Hora que tu nos anuncias há de marcar a Ciência e ninguém mais!"

- 14. Ele respondeu-lhe: — "Enbal-samador de coisas mortas, deixa-as apodrecer em paz — e não nos estorves com múmias!" 15. Mas um legislador veio a ele e disse: — "É certo que as leis são muitas vezes injustas — é necessário fazer outras novas!"

NA CATEQUESE

Um padre interrogando uma criança na catequese: — Que é fé? — Não sei! — responde a criança. — Pois bem — eu vou explicar-te: fé, é crer, acreditar. Se eu te disser que aquela caixa está cheia de abóboras, acreditás?

27. "O bem está em ser feliz, o mal em sofrer. Qualquer outra lei não é senão mentira. 28. "O que a Ciência deve ensinar aos homens é conhecer o que é realmente bom — e o que é mau sob as aparências de bom.

A Sociedade Libertária

Por JORGE BASTIEN

Capítulo 8.º: — A MARCHA PARA O PROGRESSO

Um regime de associações livres, harmonizando seus esforços e necessidades e federando-se entre si, será a base da sociedade de amanhã — dissermos. Tal regime, porém, não será uma utopia nem se estabelecerá por fatalidade...

A sociedade libertária funciona já em embrião na sociedade contemporânea. O regime da associação fraternal, que há-de substituir o da exploração do homem pelo homem, não constitui devaneio ou figura de um sonho sem base...

O comunismo libertário ou anarquista, que se baseia não sobre um código de relações sociais, mas sobre o equilíbrio e a harmonia das diversas e numerosas associações de indivíduos, de consumidores, de produtores, de artistas, etc., numa expressão, dos interessados, está, pois, na linha da evolução humana...

Todos os sistemas faliram. Resto o anarquismo. Estudai-o! Lede

"A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS"

Pelo Prof. JOSÉ OITICICA

A venda na banca de jornais da Galeria Cruzeiro (lado da rua Betencourt Silva)